

FMI não abre mão do arrocho

PIER ANTONIO DE LACQUA, da Ansa

Washington — Há mais de dois anos e meio, a despeito de muitos problemas sem resolver, os países industrializados registram um forte crescimento econômico que, apenas em parte e de modo desigual, atua sobre o Terceiro Mundo. Isto é o que evidencia em seu "Informe Anual 1985" o Comitê Executivo do Fundo Monetário Internacional.

Graças ao impulso determinante dos Estados Unidos, o crescimento médio dos países industrializados oscilou em 1984 em quase 5 por cento (um dos melhores resultados da última década), acoplando-se a um notável refluxo da inflação.

Segundo o informe do FMI, contudo, ainda não é o momento de cantar vitória, porque o desemprego continua com índices elevados, as pressões protecionistas aumentaram, os déficits estatais continuam sendo "uma grande fonte de incertezas e preocupações" e não devem ser excluídas situações "insustentáveis a longo prazo".

Contrapondo-se à performance dos países do chamado Primeiro Mundo, o informe do FMI sublinha que o crescimento econômico do Terceiro Mundo foi, em 1984 e no primeiro semestre, de 1985, muito desigual e inferior às taxas médias previstas. Em consequência do pesado endi-

vidamento, continua se apresentando frágil a situação financeira. A inflação não deu sinais de se acalmar, em sintonia com a desaceleração do aumento dos preços nos países industrializados.

Constatando que os Estados Unidos parecem ter entrado numa fase de relativo desaquecimento depois do grande impulso do ano passado, o Fundo Monetário Internacional não deixa de preconizar uma maior taxa de crescimento na Europa para reduzir de fato o desemprego.

Acusado por muitos ladros de emprestar dinheiro em condições de austeridade que colocam em perigo de estrangulamento os países pobres do Terceiro Mundo, o FMI se reporta aos êxitos dos países industrializados também com políticas de severidade monetária capazes de frear as tendências inflacionárias.

De acordo com o "credo" da Administração Reagan, o Comitê Executivo do Fundo Monetário Internacional solicita modificações estratégicas em três direções prioritárias. No seu entender, os países membros do FMI (em primeiro lugar os europeus) deveriam: 1) Corrigir os déficits estatais quando a absorção de recursos por parte do governo for de "injustificável grandeza"; 2) Eliminar a "rigidez estrutural" que impede uma efí-

ciente distribuição dos recursos e dificulta o incremento da ocupação e 3) Resistir "com determinação" às pressões protecionistas.

Para saírem da crise, os países do Terceiro Mundo — segundo sugere o FMI — necessitam consolidar suas balanças de pagamentos reduzindo a dívida externa e reforçando os investimentos internos: uma linha que requer muitos "ajustamentos de fundo" e também uma vontade do "Primeiro Mundo" de reduzir as taxas de juros em termos reais e de expandir o comércio sem tensões inflacionárias.

O FMI assinala com apreensão que — dominado por vertiginosos movimentos de capital atribuídos à instabilidade dos câmbios e à subida do dólar — o mercado financeiro internacional reduziu seus investimentos no Terceiro Mundo.

Em consequência da conjuntura particularmente difícil, o montante das dívidas com pagamentos diferidos durante 1984 e os primeiros quatro meses deste ano foi elevado: 112 bilhões de dólares.

Com satisfação, o Comitê Executivo do Fundo realça que muitos países se colocaram sob o "controle reforçado" do FMI — aceitando sugestões — com o objetivo de garantirem um normal acesso aos empréstimos bancários.